

Tarde demais. O Japão lança como prejuízo créditos ao Brasil.

Mas o prejuízo não será só dos credores: novos créditos ficam definitivamente suspensos.

93 A partir do meio-dia de hoje, por exigência legal, os bancos japoneses passam a declarar em balanços como "prejuízos" os créditos da dívida externa brasileira não pagos nos últimos seis meses. O tempo jogou contra o Brasil. Se aqui, hoje, é 29 de setembro, no Japão já é dia 30 e, de acordo com normas estabelecidas pelo sistema financeiro japonês, encerra-se o prazo de seis meses que os bancos tiveram para o acerto definitivo de seu caixa. Até agora, os bancos japoneses haviam utilizado a estratégia contábil de enquadrar esses créditos como receita nominal.

Bastante desapontado com a ausência de uma proposta brasileira para esse pagamento, Takanore Suzuki, vice-presidente do Banco de Tóquio, disse ontem que as relações financeiras e comerciais entre Japão e Brasil estão seriamente comprometidas. Sobre a possibilidade de o Brasil pagar parte dos juros atrasados e sair da moratória até o dia 20 de outubro, Takanore foi lacônico: "Tarde demais para nós".

A preocupação sobre a **exposure** — fator de risco — dos bancos japoneses em relação à dívida dos países do Terceiro Mundo não é recente. Com empréstimos de US\$ 42 bilhões pendentes nos países po-

bres, os bancos japoneses são o segundo maior prestador, depois dos norte-americanos. O impacto provocado pelo não pagamento dos créditos brasileiros no balanço dos últimos seis meses a ser apresentado agora pelo Banco de Tóquio é fatal. Dos japoneses, o Banco de Tóquio é o mais exposto, com empréstimos a países em desenvolvimento iguais a 150% de seu patrimônio líquido.

No último balanço apresentado pelos bancos japoneses, entregue no mês de março passado, o lucro bruto dos bancos comerciais do Japão registrou um crescimento, em média, de 40%, totalizando 1,6 bilhão de ienes (US\$ 10,3 bilhões). E agora não será tarefa cômoda explicar aos acionistas japoneses os atuais resultados:

"Acusar agora um prejuízo de US\$ 500 milhões — referentes aos juros não pagos pelo Brasil nos últimos seis meses — vai ser muito desastroso para os bancos japoneses, que terão sua estabilidade comprometida", desabafou Takanore Suzuki. "É claro que nossos acionistas serão muito prejudicados, mas a insolvência de bancos menores também não está descartada."

Nessa análise, entretanto, o Japão e os acionistas japoneses não serão os únicos

prejudicados. De acordo com Suzuki, caberá ao Brasil a maior parcela de prejuízo, já que novos créditos japoneses estarão definitivamente suspensos por tempo indeterminado. Também a aceitação da proposta de securitização de parte da dívida apresentada pelo ministro da Fazenda Bresser Pereira dificilmente será aceita pelos bancos japoneses, que "definitivamente, perdem a confiança no Brasil".

Aparentemente, o Brasil se mostra mais preocupado com o prazo de balanço respeitado pelos bancos norte-americanos, dia 25, já que são eles os maiores credores da dívida externa brasileira. Tanto assim que o próprio ministro Bresser Pereira admitiu ontem um pagamento simbólico dos juros.

O pagamento dependerá, no entanto, das condições que forem atendidas pelos bancos. No caso de um acordo do Brasil com os bancos norte-americanos o valor do pagamento poderá ser acertado nesta sexta-feira em Nova York, quando o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e o negociador oficial da dívida, Fernão Bracher, reúnem-se com o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira chefiado por William Rhodes, do Citibank.

Salette Lemos